

ESSA GENTE

**ESSA
GENTE**

**CHICO
BUARQUE**



COMPANHIA DAS LETRAS

Rio, 30 de novembro de 2018

Meu caro,

Não pense que me esqueci das minhas obrigações, muito me aflige estar em dívida com você. Fiquei de lhe entregar os originais até o fim de 2015, e lá se vão três anos. Como deve ser do seu conhecimento, passei ultimamente por diversas atribulações: separação, mudança, seguro-fiança para o novo apartamento, despesas com advogados, prostatite aguda, o diabo. Não bastassem os perrengues pessoais, ficou difícil me dedicar a devaneios literários sem ser afetado pelos acontecimentos recentes no nosso país. Já gastei o advance que você generosamente me concedeu, e ainda me falta paz de espírito para alinhar os escritos em que tenho trabalhado sem trégua. Sei que é impróprio incomodá-lo num momento em que a crise econômica parece não ter arrefecido conforme se esperava. Estou ciente das severas condições do mercado editorial, mas se o amigo puder me adiantar mais uma parcela dos meus royalties, tratarei de me isolar por uns meses nas montanhas, a fim de o regalar com um romance que haverá de lhe dar grandes alegrias.

Um forte abraço.

7 de dezembro de 2018

Quando me separei, deixei a beira-mar e voltei a morar num topo de ladeira, quase no mesmo endereço que dividi anos atrás com a minha primeira mulher. Ela ainda mora naquele prédio de pastilhas, quatro abaixo do meu, e já deve ter me visto passar sob a sua janela. Talvez pense que ensaio uma reconciliação, embora esteja cansada de saber que sou adepto de caminhadas peripatéticas, sobretudo nos dias em que sento para escrever e me sinto amarrado, com a vista saturada de letras. Desço à rua sempre que as letras endurecem no papel, comprimidas entre si como as pequenas pedras em preto e branco do calçamento que piso. Pouco a pouco meus olhos se deixam levar por um automóvel, uma saia, uma folha, uma lagartixa, umas crianças de escola, passarinhos. Mais adiante já não vejo mais que cores, arestas, vultos, halos, e ideias soltas me vêm à cabeça, esta boa, esta má, e toca a subir e descer a ladeira debaixo de sol ou chuva, pensando alto, discutindo comigo mesmo, com aquele esgar, aqueles tiques e gestos falhos de que fala o poeta, aquelas caretas que fazem os porteiros abanar a cabeça: ah, o esquisitão voltou.

13 de dezembro de 2016

Para começar do começo, o neguinho jura que se lembra da mãe cantando um ponto assim que ele veio ao mundo. Antes de poder enxergá-la já a ouvia, pois a audição, como o olfato, é anterior à visão; na verdade, com os sentidos ainda imprecisos, recém-nascido ele confundia a voz da mãe com o cheiro do leite. Mais tarde ela largou a macumba e passou a cantar na igreja, época em que foi ser cozinheira na casa do maestro italiano e o levava junto. A mulher do maestro, uma galega muito católica, se afeiçãoou ao garoto, mas ralhava com a mãe quando ela cantava seus hinos distraída na cozinha. Um dia, de birra, ele começou a cantar por ela. Logo despertou o interesse do maestro, que o iniciou na ópera, nas partituras, no solfejo, até ele alcançar o sublime nas árias de Mozart. Aquela voz angelical...

15 de dezembro de 2016

A mãe mudou de emprego e proibiu o neguinho de ver o maestro. Para prendê-lo em casa, meteu-lhe medo dos porcos, contava histórias esca-

brozas que ouvira do pastor. Ele cresceu acreditando que aqueles porcos enormes, que andavam à solta por ali, comiam os bagos dos meninos no morro do Vidi-gal. Quando um dia acordou na casa do pastor com os curativos no lugar do saco, não teve dúvida, foi o porco. Adulto, virou obeso como um porco, mas conserva aquela voz angelical.

9 de dezembro de 2018

Descendo a ladeira emparelhei com um passeador de cães que me parece novo no bairro. É um mulato franzino que conduz e é conduzido por uma dezena de cães, entre os quais o labrador de dona Maria Clara. Dona Maria Clara tinha ido ao médico com o filho e não havia ninguém em casa para receber o animal. O porteiro se recusava a ficar com ele, que era capaz de sujar a portaria, apesar de o passeador lhe mostrar o saquinho plástico cheio de cocô. Anoiteceu quando subo a ladeira de volta e vejo o rapazola sentado no meio-fio com o labrador, já tendo certamente devolvido os outros cães. Chego em casa, escrevo estas parcas linhas, abro um vinho, esquento um suflê e vejo futebol na televisão. Vou me deitar para lá de

meia-noite, tenho sono, mas não consigo dormir. De pijama pego o carro na garagem, desço a ladeira de ré, encontro o passeador sentado com o cão no mesmo lugar e os faço subir no banco traseiro. No apartamento, depois de me farejar entre as pernas, o cão se esparrama no chão da cozinha e rejeita a ração de gato que lhe ofereço. Ao passeador ofereço uma Coca-Cola e um resto de suflê frio que ele aceita com gosto. Fica todo agradecido por poder ver televisão e dormir no sofá da sala. Depois pergunta se tem que comer meu cu.

Rio, 23 de setembro de 2017

Estimado Sr. Balthasar,

Foi com extrema satisfação que recebi do seu publisher a notícia de que sua equipe está interessada em ler a tradução antes do lançamento do seu livro em língua portuguesa. Ademais, foi-me comunicado que o senhor pessoalmente passaria os olhos no meu trabalho, visto que é fluente no idioma espanhol e não é de todo estranho ao macio linguajar brasileiro, sendo um fã da Bossa Nova. Muito honrada, encaminho-lhe minha última versão para seus comentários. Advirto-lhe que tomei a liberdade de alterar

alguns sinais de pontuação, como os dois-pontos que abundam no original e que muitas vezes podem ser substituídos por pontos e vírgulas, a meu ver bem mais distintos. Suprimi também alguns pontos de exclamação que, francamente, julgo redundantes.

Permita-me acrescentar que anseio conhecê-lo pessoalmente por ocasião de sua anunciada vinda ao Brasil. Com imensa e antiga admiração,

Sua,

Maria Clara Duarte

Rio, 9 de outubro de 2017

Estimado Sr. Balthasar,

Jamais imaginei enervá-lo, e realmente não é minha função apontar incongruências em um livro já publicado com tanto sucesso em seu país. Mas no caso da página 297, quando o senhor diz que os dedos do pianista mantêm o acorde perfeito, o leitor poderia entender que o piano não cessa de soar, o que é desmentido na mesma frase. Só por isso insisti em sugerir que os dedos mantivessem a posição, ou, se preferir, a formação do acorde, enquanto o pianista e a mulher faminta trocam olhares no *silêncio* da sala. É duro me